



INTRODUÇÃO

Em matérias jornalísticas publicadas em vários países do mundo nos últimos anos emerge um aparente paradoxo a respeito da vida na península italiana: o amor do mundo pela Itália, enquanto os próprios italianos parecem desprezá-la.

Conforme diversas pesquisas de opinião, o sentimento geral do resto do mundo pela vida italiana e sua cultura é positivo. O patrimônio cultural italiano é admirado; seu passado, glorificado e seu estilo de vida atual, invejado. Americanos, alemães, brasileiros ou russos, todos apreciam as belezas arquitetônicas e naturais da península e identificam a Itália com boa comida, vida cultural intensa, cafés gostosos, música contagiante e dia a dia tranquilo.

Os italianos, no entanto, não veem seu país com os mesmos bons olhos. Aparecem nas pesquisas como um dos povos mais infelizes do continente e chegam a nutrir um

sentimento generalizado de mal-estar, de *malessere*. Os italianos praticamente perderam a confiança no futuro e, mais, estão temerosos diante das perspectivas vislumbradas.

Para alguns observadores, a chave dessa contradição está na própria natureza dos problemas vividos pelos italianos. A Itália não enfrenta de fato nenhum desafio inesperado ou inédito, mas simplesmente tem de dar conta, novamente, dos mesmos problemas, velhos conhecidos de décadas ou séculos atrás. Dada a natureza estrutural desses problemas, as pessoas não têm mais ideias de como resolvê-los ou mesmo se ainda há alguma saída viável. O resultado: um desânimo generalizado, a sensação de impotência e até o medo.

Com efeito, os italianos observam seu nível de vida e sua participação na economia mundial estagnarem ou mesmo decáírem, enquanto o desemprego aumenta no país. Suas empresas já não conseguem competir, salvo exceções, no mercado mundial. O povo envelhece, os jovens continuam sem futuro, e muitos italianos voltaram a emigrar como faziam seus avós. Na Itália, o sistema político parece imutável, e o Estado conta politicamente cada vez menos na Europa e no mundo. Enfim, o país não está num bom momento e isso realmente deixa os italianos desanimados.

Não haveria motivo para pessimismo se a Itália de hoje fosse comparada com a de 1861, quando da Unificação e da consequente criação do Estado-nação. Depois disso, historicamente, a Itália avançou: de um Estado com uma economia atrasada e sem influência no mundo para uma potência europeia economicamente desenvolvida. E, o que é mais importante, o povo italiano passou do

estágio da pobreza para o do desenvolvimento, alcançando um alto nível de vida para os padrões mundiais.

A propósito, basta recordar que, de 1871 a 2001, a altura média dos homens italianos aumentou de 1,62m para 1,74m; o consumo médio de calorias por dia passou de 2.522 a 3.420 unidades; a proporção de alfabetizados entre a população cresceu de 31,2% para 98,6%; e a esperança média de vida subiu de 33 para 80 anos. Diante desses números, não há como não olhar para a Itália com orgulho pelo progresso alcançado.

O grande problema é que as pessoas vivem não no passado, mas no presente e com olhos voltados para o futuro. Para os italianos de hoje, as expectativas são negativas, e saber que a Itália já foi muito mais pobre e sem esperanças não é um grande consolo. Para aqueles que viveram o *miracolo italiano* (desenvolvimento econômico acelerado), entre os anos 50 e 70 do século xx, a frustração é ainda maior, pois viram um país que parecia destinado ao sucesso perder-se no meio do caminho.

Nos anos 80 e início dos 90 do século xx, a Itália demonstrava grande disposição para conquistar o mundo. Empresas italianas, como Benetton, Gucci, Ferrari, eram modelos de sucesso e o Estado italiano ampliava sua voz na política internacional. Para completar o quadro róseo, internamente as operações contra a corrupção e a máfia pareciam indicar uma renovação geral do sistema político italiano para muito breve. Em 1987, quando a Itália comemorou o *sorpasso*, ou seja, a superação da Inglaterra em termos de tamanho da economia, o país fervilhava de otimismo. Pouco mais de vinte anos depois, o ânimo é outro.

Este livro aborda exatamente estes últimos anos – a última década do século xx e a primeira do xxi – período crucial para entender a Itália de hoje. Além disso, procura pensar o futuro: a Itália que surgirá nos próximos anos e décadas. Isso explica, em boa medida, as doses variadas de otimismo e pessimismo presentes em suas páginas. Pessimismo ao diagnosticar a situação atual e descrever os enormes obstáculos que o país enfrenta. Otimismo ao esperar, e de fato acreditar, que o povo italiano seja capaz de superar os desafios.

Se compararmos as avaliações feitas neste livro com as do meu *Os italianos*, publicado pela Editora Contexto em 2005, pareço, agora, mais preocupado e até desanimado com a situação da Itália. Naquele livro, o olhar era historicamente panorâmico e levava em conta o longo passado da Itália; e observá-lo diante do presente só pode levar a uma visão positiva, já que a Itália progrediu muito desde a Unificação, cento e cinquenta anos atrás. Quando dirigimos o foco ao presente imediato e ao futuro, contudo, não há como não se inquietar com os rumos daquele país e daquele povo.

No retrato feito aqui, é inevitável a menção contínua a Silvio Berlusconi e sua passagem pela política italiana. Nos últimos vinte anos, ele é o ponto de convergência de boa parte dos dilemas e questões que afligem a Itália hoje. Isso não significa que este livro será meramente político, pois ainda trata de economia, sociedade e cultura. Também não é uma espécie de crônica da vida italiana nos últimos anos que esquece o passado. É certo que boa parte dos problemas e desafios da Itália de hoje de-

riva da sua história, de antigas questões não resolvidas e dilemas e contradições não superados. Assim, entender a Itália de hoje é, muitas vezes, mergulhar nos acontecimentos e dilemas de 1861 ou de 1945, e isso será feito quando necessário. Entretanto, a própria existência do livro *Os italianos* permite que eu me detenha mais na observação das duas últimas décadas e passe, sem prejuízo dos leitores, do passado estrutural, mais bem expresso naquele livro, diretamente para o presente conjuntural, abordado aqui.

Até pela proximidade dos acontecimentos, não há como exigir que eu seja absolutamente neutro e objetivo, embora acredite contar com uma sólida formação de historiador que me leva sempre a perseguir tais qualidades. Na verdade, nenhum historiador, mesmo aquele que trabalha com o passado remoto, consegue impedir completamente que a sua visão de mundo interfira na análise do seu objeto de estudo. Não obstante, no caso da História do tempo presente, a imparcialidade é ainda mais difícil.

Nesse sentido, minha antipatia por Silvio Berlusconi e por seu grupo político não pode e nem deve ser negada, e ela permeia boa parte do livro. É bom deixar claro, porém, que esta antipatia não é movida por algum interesse particular ou preconceito ideológico, mas por uma análise cuidadosa dos dados, da situação e dos fatos em questão. Deixá-la evidente desde o início, a meu ver, é a melhor maneira de ser ético para com os meus leitores.

No que sou completamente parcial e subjetivo, contudo, é no meu carinho pela Itália. Como neto de italianos, cidadão brasileiro e italiano, historiador especializado na

história do país e que acaba de voltar de um novo período na “Bota”, me sinto no direito, e no dever, de defender o que considero o melhor para ela. Assim, mesmo ao criticar os seus vícios e defeitos, o que se manifesta é minha italoafilia e não o oposto, e isso também não há por que esconder.

Uma nota sobre as fontes do presente livro. Para a sua redação, foi fundamental o último ano que passei na Itália (2010) e a possibilidade que tive de utilizar uma das fontes básicas do historiador do tempo presente, ou seja, a mídia escrita. Milhares de recortes de publicações, dos mais variados tipos, e centenas de arquivos e documentos da internet foram essenciais. A oportunidade de assistir a programas de tv, frequentar livrarias e escolas e, acima de tudo, conversar com as pessoas na rua, nos cafés e nos parques onde levava meus filhos me permitiu conhecer as opiniões das pessoas sobre política ou economia, mas também observar como elas sentiam seus reflexos em suas realidades particulares. Este livro se baseia igualmente em uma bibliografia italiana contemporânea examinada com o olho crítico de um especialista na história do país. Tais referências não aparecem citadas no decorrer do texto, mas são comentadas na bibliografia, ao final do volume.

*

Gostaria de agradecer ao CNPq, que financiou meu estágio de um ano de pós-doutorado na Università degli Studi di Roma, e ao professor Bruno Tobia, que ali me acolheu. E, acima de tudo, a Luciane e aos meus *piccoli italiani e brasiliani*, Isabela e Bruno, que me acompanharam na aventura.